> Um feminismo para todo mundo: experiências do passado e possibilidades para o futuro

> A feminism for everyone: past experiences and possibilities for the future

por Cleonice Elias da Silva

Doutora em História Social, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foi bolsista da CAPES e do CNPq. Professora de História na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. E-mail: cleoelias28@gmail.com. ORCID: 0000-0003-3830-9225.

> Resenha recebida em 24.05.2020 e aceita em 05.08.2020.

FICHA TÉCNICA DA OBRA

O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras

bell hooks

Tradução de Ana Luiza Libânio

Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018. 175p.

1ª Edição em 2000

ISBN: 978-85-01-11559-1

O livro *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, da teórica feminista norte-americana bell hooks, foi publicado originalmente em língua inglesa em 2000, pela South End Press. Uma segunda edição foi publicada pela Routledge em 2015, da qual foi realizada a tradução. Ele está organizado em 19 capítulos, discute o feminismo a partir de diferentes perspectivas e nele podemos encontrar premissas importantes de bell hooks, assim como relatos de suas experiências na militância pela superação do sexismo e das desigualdades motivadas por questões de gênero. Neste texto, i/comento algumas dessas premissas e reflexões apresentadas pela teórica no decorrer de seu livro.

bell hooks recupera uma definição presente em seu livro *Feminist Theory: From Margin to Center*, publicado em 1984, na qual afirma que o “feminismo é um movimento importante para acabar com o sexismo, exploração sexista e

opressão [sic]”¹, para esclarecer que a principal luta travada pelo feminismo é a contra o sexismo. Nesse sentido, afirma que o movimento feminista não levanta uma bandeira contra os homens, apesar de o sentimento anti-homem ter impulsionado as primeiras feministas que combatiam o domínio masculino. A autora afirma também que o patriarcado e o pensamento sexista não deixam de estar presentes em espaços femininos.²

Com o passar dos anos, a bandeira do feminismo voltou-se para as reivindicações referentes à criação de justiça de gênero, e a sororidade assumiu uma expressiva importância na forma como as mulheres estabelecem relações entre si. bell hooks afirma como, nos Estados Unidos, o feminismo reformista deu prioridade à igualdade da mulher em relação ao homem no mercado de trabalho, o que ocultou “as origens radicais do feminismo contemporâneo”³, o qual exigia transformações mais amplas na sociedade.

Um feminismo, definido por hooks como revolucionário, teve uma boa acolhida no meio acadêmico, todavia, as reflexões produzidas não chegavam ao grande público.

Tornou-se, e permanece assim, um discurso privilegiado, disponível para aqueles entre nós que são altamente letrados, educados e economicamente privilegiados. Trabalhos como *Feminist Theory: From Margin to Center*, que oferece uma visão libertadora de transformação feminista, jamais recebe atenção da grande imprensa. A grande multidão não ouvia falar desse livro. Ela não rejeitou a mensagem; ela não a conhece⁴.

¹ bell hooks, *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, 2018, p. 13.

² *Ibidem*, p. 16.

³ *Ibidem*, p. 21.

⁴ *Ibidem*, p. 22.

É importante ressaltar, conforme a autora, que o feminismo resulta de um processo de formação: “Feministas são formadas, não nascem feministas”⁵. As mulheres, ao optarem e se identificarem com o movimento, passam por um processo de conscientização, no qual aprendem “sobre o patriarcado como sistema de dominação, como ele se institucionalizou e como é disseminado e mantido”⁶. Em seu livro, hooks relata alguns aspectos desse processo de conscientização das feministas norte-americanas, por exemplo, como a criação, nas universidades, da disciplina Estudos de Mulheres foi importante nesse processo, apesar de que o acesso às universidades fosse um privilégio de classe.

As privilegiadas mulheres brancas de classe média eram maioria, mas não necessariamente líderes radicais do movimento feminista contemporâneo, e frequentemente ganhavam destaque porque eram o grupo que a mídia de massa focava como representante da luta. Mulheres com consciência feminista revolucionária, várias delas lésbicas e originárias das classes trabalhadoras, muitas vezes perderam visibilidade, à medida que o movimento recebia atenção da mídia convencional⁷.

A importância de uma conscientização feminista dos homens, que as mulheres abordassem e transformassem seus sexismos, são apontadas pela teórica como elementos relevantes no processo de conscientização do movimento feminista. Ou seja, as agendas do feminismo também lutam por direitos que dizem respeito aos homens. E estes podem fazer parte das lutas que o movimento trava.

No que diz respeito à sororidade, o enfrentamento do pensamento sexista das mulheres foi o primeiro passo para se criar uma sororidade entre as mulheres

⁵ *Ibidem*, p. 25.

⁶ *Ibidem*, p. 25.

⁷ *Ibidem*, p. 28.

nos Estados Unidos. Ela é de suma importância na luta contra as injustiças motivadas pelo patriarcado e, para que surta o efeito esperado, é preciso que algumas mulheres abram mão de seus poderes de dominação e exploração sobre os grupos de mulheres pobres. Nas palavras de bell hooks: “Enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo”⁸.

A sororidade mantém-se como essencial para as mulheres contemporâneas, pois é preciso “o estabelecimento de solidariedade política feminista entre mulheres como uma realidade em curso”⁹, superando as relações de dominação e assimetria entre as mulheres, o poder da sororidade não ficou no passado.

No escopo das bandeiras e reivindicações feministas, a teoria feminista assumiu como principal objetivo a explicação, tanto para homens quanto mulheres, do funcionamento do pensamento sexista e das atitudes a serem tomadas para desafiá-lo e mudá-lo.¹⁰ As produções da literatura feminista e os esforços para recuperação da história das mulheres são considerados por hooks como “uma das mais poderosas e bem-sucedidas intervenções do feminismo contemporâneo”¹¹. O reconhecimento e a valorização dos textos de escritoras negras foi um dos desdobramentos desse fato. Grosso modo, o movimento feminista foi revolucionário ao exigir respeito pelo trabalho acadêmico de

⁸ *Ibidem*, p. 36.

⁹ *Ibidem*, p. 39.

¹⁰ *Ibidem*, p. 41.

¹¹ *Ibidem*, p. 42.

mulheres, “reconhecimento desse trabalho do passado e do presente e o fim dos preconceitos de gênero em currículos e na pedagogia”¹².

A legitimação acadêmica foi relevante para o avanço do pensamento feminista, contudo, a mesma motivou uma nova combinação de dificuldades, uma vez que as discussões começaram a ficar restritas ao âmbito acadêmico: “Era como se um grande número de pensadoras feministas tivesse se juntado para formar um grupo de elite e escrever uma teoria que pudesse ser compreendida somente por um bando ‘inserido’”¹³. Uma academização do pensamento feminista que pode enfraquecer o movimento feminista motivando a despolitização. O pensamento e a teoria feminista não podem ficar reclusos a um grupo seleto de intelectuais, é preciso pensar maneiras para promover sua difusão.

Ensinar pensamento e teoria feminista para todo mundo significa que precisamos alcançar além da palavra acadêmica e até mesmo da palavra escrita. Há uma multidão que não tem habilidade para ler a maioria dos livros feministas. Audiolivros, músicas, rádio e televisão são formas de compartilhar o conhecimento feminista¹⁴.

Os direitos reprodutivos das mulheres também estão presentes no campo de discussão da autora. O movimento feminista nos Estados Unidos foi contemporâneo à luta pelos direitos civis e pela liberdade sexual, questões que diziam respeito aos corpos das mulheres também foram priorizadas. A sexualidade foi uma das principais questões que impulsionaram o movimento. “A exploração sexual do corpo das mulheres tinha sido ocorrência comum em movimentos radicais por justiça social, fossem elas socialistas, pelos direitos civis

¹² *Ibidem*, p. 43.

¹³ *Ibidem*, p. 45.

¹⁴ *Ibidem*, p. 47.

etc”¹⁵. Nesse contexto, de promoção do amor livre, são necessárias reivindicações ao acesso a “métodos contraceptivos seguros e eficientes e ao aborto”¹⁶.

O aborto continua na pauta das lutas feministas, que não pode perder de vista a questão do acesso seguro de mulheres mais pobres a ele:

Uma multidão de mulheres pobres e da classe trabalhadora perde acesso ao aborto quando não há subsídio do governo disponível para direitos reprodutivos de saúde. Mulheres com privilégios de classe não se sentem ameaçadas quando abortos podem ser feitos somente quando se tem muito dinheiro, porque elas ainda podem fazê-los. Mas há uma multidão de mulheres que não tem poder de classe¹⁷.

Por isso, e por outras questões, os direitos reprodutivos têm que ser possibilitados a todas as mulheres independentemente de classe social, e são elementares para proteger e sustentar as nossas liberdades. Estas também são afetadas por padrões de belezas que nos são impostos. É necessário buscar intervir no modelo de estéticas patriarcais que influenciam as indústrias de beleza. “Não seremos livres até que as feministas retornem à indústria da beleza, retornem à moda e criem uma revolução contínua e sustentável. Não saberemos como amar o corpo e a nós mesmas”¹⁸.

Outra questão essencial ao feminismo trazida pela autora é a luta de classes, que acabou gerando conflitos entre duas vertentes: uma reformista que considerava a libertação das mulheres, direitos iguais para as mulheres na estrutura de classes existentes; e outra mais radical que almejava que as estruturas existentes passassem por uma grande mudança, para que os “modelos

¹⁵ *Ibidem*, p. 49.

¹⁶ *Ibidem*, p. 50.

¹⁷ *Ibidem*, p. 53-54.

¹⁸ *Ibidem*, p. 63.

de reciprocidade e igualdade pudessem substituir antigos paradigmas”¹⁹. No entanto, com a progressão do movimento feminista e o fato de as mulheres brancas privilegiadas terem “acesso ao poder de classe igual ao de seus companheiros homens”²⁰, a luta de classe deixou de ser uma questão prioritária.

A discussão sobre classe possibilita relações solidárias dentro da sociedade:

Quando mulheres têm poder de classe utilizam, oportunamente, uma plataforma feminista e ao mesmo tempo enfraquecem as políticas feministas, ajudando a manter intacto o sistema patriarcal que irá ressubordiná-las, elas não apenas traem o feminismo, elas traem a si mesmas. Ao retomar as discussões de classe, mulheres e homens feministas restauram as condições necessárias para a solidariedade. Então podemos visualizar melhor um mundo em que recursos são compartilhados e oportunidades para crescimento pessoal são abundantes para todo mundo, independentemente de classe²¹.

A teórica feminista apresenta uma crítica contundente a um controle hegemônico “da retórica feminista sobre igualdade”, o qual acabou mascarando uma fidelidade de feministas “às classes dominantes dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca”²². E ao fato de as feministas norte-americanas terem reservado para si o direito de escolha de quais pautas eram importantes para as mulheres do mundo.

Enquanto as feministas dos Estados Unidos estavam certas de chamar atenção para a necessidade de igualdade global para as mulheres, problemas surgiram quando feministas individuais com poder de classe projetaram globalmente fantasias imperialistas em mulheres, sendo a principal fantasia a de que as mulheres nos Estados Unidos têm mais direitos do que qualquer grupo de mulheres no mundo; são ‘livres’ se

¹⁹ *Ibidem*, p. 65.

²⁰ *Ibidem*, p. 65.

²¹ *Ibidem*, p. 74.

²² *Ibidem*, p. 76.

quiserem ser e, portanto, têm direito de liderar o movimento feminista e estabelecer pautas feministas para todas as outras mulheres do mundo. Esse pensamento apenas reflete o racismo e o sexismo imperialista de grupos dominadores de homens ocidentais²³.

O que demonstra o fato de, sobretudo, as mulheres brancas norte-americanas não terem descolonizado seus pensamentos no que diz respeito ao racismo, sexismo e elitismo. Nesse sentido, as “questões globais de exploração e opressão de gênero”²⁴ são tratadas por teóricas feministas a partir de uma perspectiva neocolonialista.

Tratando-se da questão do trabalho, hooks afirma que ele é libertador quando oferece uma boa remuneração, horários flexíveis, liberdade à mulher trabalhadora. Mas a realidade das mulheres trabalhadoras é marcada por longas jornadas dentro e fora de seus lares.²⁵

A problemática mantém-se, uma vez que ainda não existe uma pauta feminista que apresente possibilidades para se repensar o trabalho, tendo em vista que no modelo econômico capitalista o custo de vida é alto para a maior parte das trabalhadoras e dos trabalhadores. O trabalho é uma condição para que as mulheres tenham a necessária autossuficiência econômica e autorrealização. Diante disso, a autossuficiência econômica tem que possibilitar novos estilos de vida que vão de encontro aos do modelo “patriarcal capitalista de supremacia branca”²⁶. O significado do trabalho deve ser repensado pelas novas gerações de feministas e as dificuldades econômicas que marcam as realidades de muitas

²³ *Ibidem*, p. 76-77.

²⁴ *Ibidem*, p. 77.

²⁵ *Ibidem*, p. 83.

²⁶ *Ibidem*, p. 86.

mulheres devem ser abordadas pelas feministas, priorizando uma resposta em uma dimensão coletiva.²⁷

No décimo capítulo do livro, bell hooks apresenta uma reflexão cara a sua militância e teoria: a questão de raça e gênero. A integração racial demorou para ocorrer dentro do movimento feminista. O problema da manutenção de uma supremacia branca é apontado como impedimento para uma sororidade genuína entre mulheres negras e brancas; era preciso que o movimento feminista também levantasse a bandeira antirracista.²⁸ Em seu relato, destaca:

Por anos testemunhei a relutância de pensadoras feministas brancas em reconhecer a importância de raça. Testemunhei sua recusa em abrir mão da supremacia branca, sua falta de vontade de reconhecer que um movimento feminista antirracista era a única base para tornar real a sororidade. E testemunhei a revolução de consciência acontecer quando mulheres individuais começaram a se libertar da negação, a se libertar do pensamento de supremacia branca. Essas maravilhosas mudanças restauraram minha fé no movimento feminista e fortaleceram minha solidariedade a mulheres²⁹.

Os efeitos e as consequências da violência nas vidas das mulheres também estão no escopo de discussão do livro, problemática que atinge significativamente uma parcela considerável de mulheres. A violência que o patriarcado gera tem que permanecer uma preocupação central na agenda feminista.³⁰

O patriarcado, o sexismo e a dominação masculina passaram a corresponder aos principais enfrentamentos do movimento feminista à medida

²⁷ *Ibidem*, p. 88.

²⁸ *Ibidem*, p. 92.

²⁹ *Ibidem*, p. 93.

³⁰ *Ibidem*, p. 96.

que ele progredia.³¹ O reconhecimento de que o homem não era o principal inimigo a ser combatido, uma vez que ele também é afetado pelo patriarcalismo. “Sem alterar nossa crítica feroz à dominação masculina, políticas feministas foram expandidas para incluir o reconhecimento de que o patriarcalismo tirou certos direitos dos homens, impondo neles [sic] uma identidade masculina sexista”³². Debater e aderir à masculinidade feminista, uma vez que “o pensamento feminista ensina a todos nós como amar a justiça e a liberdade de maneira a nutrir e afirmar a vida”³³ é uma ação urgente.

A teórica norte-americana afirma que uma educação antissexista das mulheres feministas teve como destinatárias as garotas, fato que desconsiderou a importância de meninos também serem educados a partir dessa perspectiva,³⁴ e como o pensamento patriarcal influencia a maneira como as mães se relacionam com suas filhas e seus filhos.³⁵ Ambientes amorosos, independentemente do modelo de família, são imprescindíveis no processo educacional das crianças. Para ela, os novos feminismos precisam enfatizar como o fim do sexismo é primordial para a qualidade da vida familiar.

É uma empreitada a ser encarada, pois fundamentos sexistas mantêm-se operantes, como no caso dos casamentos:

Os casamentos tradicionalmente sexistas estão cada vez mais em voga. E ao mesmo tempo que eles tendem a plantar as sementes de tristeza e insatisfação em relacionamentos domésticos que serviram como catalisador [sic] da rebelião feminista, o fator que rompe com a tradição é

³¹ *Ibidem*, p. 103.

³² *Ibidem*, p. 104.

³³ *Ibidem*, p. 108.

³⁴ *Ibidem*, p. 109.

³⁵ *Ibidem*, p. 111.

que esses laços muitas vezes se quebram rapidamente. As pessoas se casam cedo e se divorciam cedo³⁶.

Apesar das conquistas das feministas em relação às questões de suas sexualidades, discutir uma política sexual feminista ainda é uma pauta importante para nós mulheres. No começo da militância feminista, como destaca hooks, a questão da sexualidade estava centrada em “políticas para garantir às mulheres o direito de ser sexual quando quiséssemos e com quem quiséssemos”, não existindo uma educação feminista com foco na conscientização crítica, que nos ensinasse “a respeitar nosso corpo de uma forma antissexista”, ensinando-nos “que o sexo é libertador”³⁷. Os empecilhos para as mulheres desfrutarem livremente suas sexualidades ainda estão postos, pois o patriarcalismo ainda não foi vencido.

Então, até certo ponto, pensadoras feministas radicais estavam certas quando, há anos, sugeriram que mulheres somente seriam verdadeiramente livres sexualmente quando chegássemos a um lugar no qual pudéssemos nos perceber protagonistas com valor, a despeito de sermos ou não objetos de desejo dos homens. Novamente, precisamos que a teoria feminista nos mostre como esse sentimento e essa identidade sexuais se expressam dentro do contexto de uma sociedade que permanece profundamente patriarcal³⁸.

Diante dessas premissas, discutir o papel das mulheres bissexuais e lésbicas no movimento feminista norte-americano é importante para uma compreensão das suas dimensões. Segundo bell hooks, elas tiveram uma atuação de vanguarda nas lutas pela libertação das mulheres, antes de aderirem ao feminismo, já tinham engajamentos com a política de esquerda, contra as

³⁶ *Ibidem*, p. 124.

³⁷ *Ibidem*, p. 129.

³⁸ *Ibidem*, p. 135.

desigualdades de classe, raça e sexualidade.³⁹ A atuação e as reivindicações das lésbicas radicais têm uma grande relevância para a teoria e prática feminista, para as nossas lutas e para desfrutarmos de liberdade. Um legado que, conforme afirma hooks, tem que “ser continuamente reconhecido e valorizado”⁴⁰.

Entre os muitos aspectos que fazem do livro de bell hooks uma leitura essencial, não apenas para nós mulheres, é a sua abordagem que considera desde questões de esfera social e política a questões subjetivas, como sexualidade e amor, tais questões do plano privado não deixam de ser afetadas por um modelo patriarcal de sociedade. Nesse sentido, em um dos últimos capítulos de seu livro, ela discute o amor para as feministas. Estas, no início do movimento, acreditavam que suas liberdades só seriam possíveis a partir do momento que “se desapegassem do amor romântico”⁴¹. O amor não foi repensado entre as feministas e nem ocorreram insistências sobre a sua importância e valor.

Em vez de repensar o amor e insistir em uma importância e valor, o discurso feminista sobre o amor simplesmente cessou. Mulheres que queriam amor, principalmente amor com os homens, precisaram buscar outros parceiros para compreender como poderiam encontrar o amor. Várias dessas mulheres se afastaram das políticas feministas porque sentiam que elas negavam a importância do amor, das relações familiares, da vida em comunidade com outros⁴².

bell hooks admite que as feministas não criaram “um discurso feminista positivo sobre o amor”⁴³. Sobretudo no que diz respeito à heterossexualidade, a mídia de massa patriarcal criou uma imagem do movimento “como uma política

³⁹ *Ibidem*, p. 137.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 144.

⁴¹ *Ibidem*, p. 145.

⁴² *Ibidem*, p. 148.

⁴³ *Ibidem*, p. 149.

fundamentada no ódio, em vez de em amor”⁴⁴. Uma verdade que permanece fundamental e necessária, como bem ressaltado pela autora, é a de que “não há amor onde há dominação”⁴⁵. As relações devem ser mantidas sem subordinações e abusos.⁴⁶ As práticas feministas promovem um bem estar emocional para homens e mulheres.

Políticas genuinamente feministas sempre nos transportaram da servidão à liberdade, da falta de amor ao amor. A mutualidade é a base para o amor. E a prática feminista é o único movimento por justiça social em nossa sociedade que cria condições para que a mutualidade seja nutrida⁴⁷.

A espiritualidade também é discutida no livro, hooks fala sobre a importância de uma espiritualidade da criação que se contrapõe à “espiritualidade patriarcal enraizada em noções de queda e redenção”⁴⁸. Mulheres podem encontrar imagens de divindades femininas no hinduísmo, budismo, vodu, entre outras tradições espirituais.⁴⁹ Uma transformação feminista depende de uma transformação das crenças religiosas.⁵⁰

Por fim, bell hooks afirma que, apesar de feministas visionárias terem considerado “nossa necessidade de um feminismo de ampla base”⁵¹, as teorias feministas continuam não sendo produzidas em uma linguagem acessível. Para uma consciência crítica sobre o feminismo, é necessário que ocorra uma educação de base. As teorias feministas produzidas dentro das universidades,

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ *Ibidem*, p.150.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 150.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 152.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 153.

⁵¹ *Ibidem*, p. 159.

assim como outrora, têm um alcance muito restrito. As feministas têm que escrever livros infantis, lecionar na educação básica⁵² para ir contra o elitismo das reflexões acadêmicas e para que as discussões reverberem na sociedade.

De acordo com a teórica, não devemos nos iludir com a falsa impressão de que não somos mais afetadas por estruturas de dominação, elas, pelo contrário, são “reincorporadas à medida que várias mulheres se afastam do feminismo”⁵³. Nós precisamos continuar combatendo tais estruturas, entre outras, as ações feministas devem adotar uma comunicação por meio de uma linguagem mais acessível.⁵⁴ Faz-se importante, como bem considerado por ela, que as nossas estratégias sejam variadas. Para o feminismo visionário radical, todas e todos nós devemos “avaliar a vida do ponto de vista de gênero, raça e classe”, para compreendermos que lugar ocupamos “dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca imperialista”⁵⁵.

As experiências do passado servem de aprendizado para as feministas, e a luta permanece para que os princípios feministas influenciem os aspectos de nossas vidas públicas e privadas. O feminismo não é só para nós mulheres, mas para todo mundo, já que ele tem “por objetivo acabar com a dominação e nos libertar para que sejamos quem somos – para viver a vida em lugar onde amamos a justiça, onde podemos viver em paz”⁵⁶.

⁵² *Ibidem*, p. 161.

⁵³ *Ibidem*, p. 163.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 163.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 165.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 165.

Com o livro, hooks nos leva a fundamentar ainda mais nossas reflexões sobre as dimensões das políticas feministas e a respeito de como elas são imprescindíveis para vivermos em uma sociedade menos desigual. Uma leitura essencial não só para nós mulheres, mas para quem não concorda com as desigualdades e com as injustiças sociais. As novas gerações de feministas têm muito que aprender com as experiências relatadas pela teórica norte-americana, e podem, a partir delas, redimensionar suas agendas.

Referência

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

Referência para citação desta resenha

DA SILVA, Cleonice Elias. Um feminismo para todo mundo: experiências do passado e possibilidades para o futuro. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 2, número 2, p. 561 - 576, novembro de 2020.